Câmara Municipal de Cascavel
ESTADO DO PARANÁ

PROJETO DE LEI Nº 16 ,DE 2014.

(Autor: Vereadores Luiz Frare/PDT)

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL
Recebi em 24/02/14
Kleide S. Mayer
Diretora de Plenário e Apoio às Sessões

Denomina com o nome de "Benito Britez", uma rua no Município de Cascavel, na forma que especifica.

A Câmara Municipal de Cascavel, Estado do Paraná, aprova:

Art. 1° Denomina com o nome de "Benito Britez", uma rua que ainda esteja sem denominação no Município de Cascavel, nesta cidade de Cascavel.

Art. 2° Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação oficial.

Palácio José Neves Formighieri, 62° aniversário de Cascavel.
Em 24 de fevereiro de 2014.

Luiz Frare
Vereador/PDT

Justificação,

O presente projeto de lei visa prestar um simples, mas justa homenagem a esse cidadão tão especial para nós cascavelense. Benito Britez nasceu em Caacupê, no Paraguai, em 1931. Veio para Cascavel em 1949, logo após a fundação do Tuiuti Esporte Clube, quando recebeu um convite dos ilustres cascavelenses Dércio Galafassi e Adelar Bertolucci. Casou-se com a Brasileira Maria de Lourdes, com quem teve cinco filhos.

Britez, como era carinhosamente chamado por todos, sempre esteve presente nas mais diversificadas ações que contribuíram para o engrandecimento da cidade de Cascavel. Um ilustre cidadão que ao longo de sua vida dedicou-se muito ao trabalho voluntário, estando sempre a disposição das pessoas e da comunidade.

O homenageado sempre foi exemplo de honestidade, simplicidade, integridade e dedicação, deixando seus exemplos de vida marcados em nossa história, servindo de referência para as futuras gerações. Essa homenagem é justa a um homem que em vida era admirado por todos que o queriam bem.

Sua biografia anexa apresenta a importância dessa homenagem para esse Paraguaio de nascimento e cascavelense de coração.

mjg

Benito Britez, um paraguaio bom de bola



Britez e familiares: 5 filhos, 8 netos e dois bisnetos



Baixinho goleador, ele chegou meio que por acaso a Cascavel em 1949. É apontado por muitos como sendo o "inventor do costelão"

Benito Britez, paraguaio de Caacupé, chegou a Cascavel no dia 2 de janeiro de 1949. Era uma fera com a bola nos pés. Ele veio depois que acabou o Campeonato Paraguaio, juntamente com o amigo boleiro Fernandez. Benito era goleador, Fernandez goleiro,
Nenhum dos dois sabia falar português. Seus idiomas eram o Guarani e o Castelhano. Desembarcaram de avião em Foz do Iguaçu e 15 dias depois, já sem dinheiro, vieram a Cascavel. Foram recebidos pelo Horácio Reis, Adelar Bertolucci e Décio Galafassi.

TIME DE PARAGUAIOS

"Fui muito bem tratado já no primeiro momento naquela vila pequena, onde não tinham mais do que 35, 36 casas", lembra. Desde aquela época a família está estabelecida na mesma área, na baixada da Pio XII esquina com a São Paulo, onde até pouco tempo funcionava um Lavacar. A região, naqueles dias, era conhecida como "Vila Sapo".
Iniciativa do Dodô Pompeu (irmão do Beto Pompeu), foi criado o Tuiutí. Mais da metade do time era formado por jogadores do Paraguai. Nos primeiros jogos, frente ao La Salle, de Toledo, já se estabeleceu uma enorme rivalidade. "A gente sempre ganhava deles, mas quando o jogo era lá, não podíamos comemorar logo".

RIVALIDADE

A alternativa era embarcar na carroceria do caminhão, com toldo, e pegar o caminho de volta. Depois de uns 10 quilômetros já era possível festejar. A esposa, dona Lourdes, era uma espécie de torcedora número 1. Ela quebrou "alguns" cabos de guarda chuva no lombo dos adversários.
"Um dia ela não foi ao jogo, todos reclamaram: não tem graça se ela não está aqui".
Sua mulher gritava muito, incentivava os da casa e metia a boca nos adversários. "Tinha sempre um policial protegendo ela", recorda o Britez.
Além de torcer, Dona Lourdes foi também uma das primeiras parteiras de Cascavel. Muita gente importante veio ao mundo através das suas mãos.

"TUICIAL"

Mas o negócio do Britez era fazer gols. Teve partida em que chegou a marcar quatro. Depois que fundaram o Comercial, o Toledo deixou de ser o principal adversário.
"Tinha muita briga, o pessoal que foi pro outro clube era muito fanático". Esta era a receita do clássico "Tuicial" (Tuiuti x Comercial), famoso pela garra com que era disputado.
Mas com uma vantagem: depois de ganhar não precisa sair correndo pra comemorar. "A festa acontecia logo em seguida".

"TORÇO PARA OS DOIS"

O campo era ali na Praça Getúlio Vargas, o Marco Zero. De terra batida, onde os torcedores chegavam a cavalo ou de carroça. "Tinha também as Rural (Willys) e os Jeeps.
"Uma coisa que sempre me chamou a atenção é que as pessoas eram amigas mesmo, sem diferença entre ricos e pobres".
A solidariedade dos brasileiros chamava a atenção do paraguaio Britez. Se uma mulher passava mal, todos iam ajudar. Um limpava a casa, outro cozinhava, alguém cuidava da roupa. Por isso ele ama o Brasil.
Em jogos da seleção brasileira contra a do Paraguai, comemora duplamente. "Se um time marca o primeiro gol eu festejo, se o outro empata ou ganha, festejo também".
Torcedor do Olímpia, de Assunción, Britez busca na memória as vitórias que marcavam o Tuiuti dos anos 150. "A gente ganhava do Toledo, do Ponta Grossa, do Atlético, Londrina, Campo Mourão, Maringá, passava por cima de tudo".
E o baixinho paraguaio sempre balançando as redes.

AMOR AO BRASIL

Benito Tem saudades do "mar de pinheiros que dominava tudo por aqui". Lembra que Toledo, à época maior, tinha um restaurante melhor, da Maripá.
"Nósíamos de Jeep, mas sempre com um facão por perto, prá garantir a passagem pela estrada, retirar galhos de árvores".
Todo mundo armado, mas com exceção da briga pela terra, as coisas eram calmas. "Eu mesmo só usei arma quando estava no quartel, era obrigado, mas aqui todo mundo gostava de fazer festa. No domingo alguém matava um boi, estava garantido o churrasco. E tinha as matinês".
Britez se admirava com o caráter dos brasileiros. "Todos armados e ninguém se matava, por isso se um brasileiro fala mal do Brasil, tudo bem, mas se escuto um estrangeiro falando mal deste País, já quero discutir".

BRIGAR PARA COMER

Ainda nos tempos de quartel em Encarnación, perto da fronteira com o Brasil (Foz), teve um final de semana em que Britez e Fernandes se viram sem nenhum centavo, depois de uns dias de festa "nas casas da muierada". Tudo era bem deserto, no porto passava até mais de uma semana sem ninguém.
Os dois amigos ficaram mais de 10 dias sem comer, "era só laranja e goiaba". Bolaram um plano: brigar em frente da Capitania, em Foz. Era cadeia e comida na certa.
O Fernandez era de família rica em Assunción, mas o goleador Britez foi logo reconhecido pelo capitão brasileiro. "Já te vi jogando em Encarnación e na capital paraguaia, neste fim de semana voê vai jogar pela seleção de Foz contra os argentinos de Posadas".
Devidamente escalados, o jogo foi no domingo. Vitória dos brasileiros, com dois gols de Britez. Após a partida, a festa foi no hotel. "Depois de tanto tempo sem comer nós fomos jantar. E como jantamos. Exageramos na comida e eu quase morri de congestão. Passei mal mesmo, visitei o banheiro umas dez vezes e o capitão precisou mandar uma ambulância prá me levar ao hospital".

O "INVENTOR" DO COSTELÃO

No período em que esteve no quartel paraguaio, Benito Britez ajudava a preparar a lenha para um dos tenentes fazer o churrasco, mas ele mantinha o segredo. Britez só via a carne sendo salgada. Aconteceu do tal tenente cair em desgraça junto ao comando e foi desterrado em algum rincão do Chaco.
"O General Saramaniego mandou me chamar prá fazer um churrasco. Disse que não sabia e ele já foi cortando: "e o que está fazendo lá com o tenente".
O soldado raso ficou apavorado. Não comia direito, não dormia direito, o coração saia pela boca. "Fiquei morrendo de medo. Mas deu certo, saiu bonito e depois disso virei o churrasqueiro oficial do quartel".
Aqueles castelões assados inteiros, temperados só com sal grosso, dao a Benito Britez a fama de "inventor" de um dos principais pratos da culinária do Oeste. O prato típico da cidade de Cascavel. O costelão de fogo de chão.
A fama correu solta. Nos governos Geisel e Figueiredo, aviões foram mandados a Foz, buscar o nosso personagem para assar a carne em Brasília. Britez assou também na inauguração do Porto de Paranaguá.
O ex-presidente paraguaio general Alfredo Stroessner várias vezes mandou busca-lo afim de preparar a iguaria em Assunción.

O VISIONÁRIO BENITEZ

Em 1.970 o centro avante goleador se entusiasmou e comprou uma das primeiras TVs da cidade.
"Primeiro me chamaram de louco, mas depois todo mundo vinha na minha casa assistir aquela chuvisqueira". Algum tempo depois ele comprou um aparelho telefônico.
"Ihh esse Britez é burro mesmo". Mas não demorou muito para todos se renderem diante da novidade.

Reportagem de Julio Cesar Fernandes, fruto de um bate papo animado na "Livrai-Nos". Participação mais do que especial de Regina Sperança e Rolvi Martini, também autores das fotos que ilustram a matéria.